

# JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

o programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

## MODAS



A moda caminha rápida; cada dia que foge lhe rouba um encanto e lhe traz uma nova belleza. Agora, que a nossa bella estação convida-nos a gozar das delicias dos salões, eis-a que nos revela novos encantos nos *toilettes* de inverno, caprichosa alardeando todas as graças de uma nympha mimosa entre os mil enfeites que ella mesma inventou.

Os chapéus e os *capotes* (bem sabeis que os *capotes* são os chapéus frauzidos) forão alterados no tamanho, nos enfeites e nas suas formas: usão-se pequenos, mui pequenos, quasi tomando somente a metade da cabeça. Seus enfeites e a galanteria do seu delicado trabalho parece que não deixão nada a desejar do elegante e gracioso.

Os mantelletes, os chales de cachemira, os mantelletes-chales, os mais preferiveis são os que vão indicados nos figurinos da nossa estampa de hoje. Mesmo assim, ainda entre elles alguns ha que estão mais em voga que outros. — O mantellete *Impératrice*, por exemplo, é riquissimo e de um effeito maravilhoso; o mantellete-chale *Navailles* é preferido á outro qualquer pela sua elegancia e gravidade; o mantellete *Marquise* é lindissimo. Qualquer delles pôde servir para qualquer das estações, segundo a fazenda de que for

feito, porque realmente são mui lindos e por muito tempo hão de estar no galarim da moda com uma ou outra pequena modificação.

Nos vestidos de baile, os tecidos de ouro ou prata trazem no mesmo estofa as barras de applicação, das quaes se formão um, dois e tres folhos para a guarnição, e são os mais modernos. Os de seda lisa ou bordados de matiz ainda usão-se com quatro até seis folhos da mesma fazenda, ou simplesmente com volantes de renda, ós de seda lisa.

Os vestidos de visita são de corpo afogado totalmente, ou abertos adiante, de basquine ou bico redondo, saia lisa ou toda em folhos, mais ou menos largos.

As mangas dos vestidos de baile são mui curtas, de folhos grandes divididos, ou de um só folho mui redondo, as mais modernas. As dos vestidos de passeio e de visita são largas e compridas, fechadas ou pagodes, mas que venhão cahir sobre o punho das luyas, ellas ou as sub-mangas.

Para passeio de manhã ou visita aos armazens de modas, o vestido preto está muito em moda em Pariz, sobretudo no inverno.

E por inverno. Querem alguns exagerados comparadores de estações que nós não tenhamos o

nosso inverno também, só porque não temos por cá os frios de Pariz e as neves de Londres; não posso concordar com semelhantes desarrazoados. Cada um com o que é seu; nós com o nosso inverno, e elles com o seu; nós com o nosso frio, e elles com a sua neve, cada um passa uma estação, na qual se opéra uma differença consideravel de atmosphera, e contra a qual nos devemos preparar para nos pôr-mos a salvo dos defluxos, tosses, constipações e outros inconvenientes de saúde, que provavelmente se originão da humidade do nosso inverno, e do pouco caso que delle se faz porque não é o frio da Europa!

Chamarai portanto aos nossos mezes frios — o nosso inverno —; e como me não pagais nada pelo conselho, vos direi, sem o receio de passar por interesseira (tenho muito medo disto), que vos deveis agasalhar neste tempo, ainda mesmo que não sintais frio, porque lá vem a noite humida que vos apanha desprevenida e vos causa prejuizo á saúde. E em nós um defluxo deixa-nos ficar o nariz com a ponta tão vermelha, tão entupido, que é pena ver-se, e muito mais sentir-se.

Oh! não fallemos nisto.

Vou dar-vos agora a descripção de quatro *toilettes* de inverno, indicados por M.<sup>me</sup> Barat, cujo merecimento artistico vós não ignorais.

São dous *toilettes* para passeio e dous para visitas.

**PRIMEIRO TOILETTE.** Vestido de tafetá cor de castanha, com tres folhos da mesma fazenda, chinez preto; Corpo afogado, de basquine enfeitado de tiras de tafetá; chinez preto, e fechado adiante por um botão de mosaico. Chapéo de palha de arroz ornado de flores. Mantelete-manta de seda preta enfeitado de *guipure*.

**SEGUNDO TOILETTE.** Vestido de tafetá preto com tres ordens de franja larga de seda na saia. Corpo afogado, espartilhado, aberto em coração adiante e enfeitado tambem de franja. Chapéo de seda cor de flor de alicerim, ornado de guarnições de renda preta. Este *toilette* é para meio luto.

**TERCEIRO TOILETTE.** Vestido de seda de applicação, azul-ferrete, lavrado de preto. Corpo de basquine aberto adiante. Chapéo de escomilha e blonde com pluma. Mantelete *Impératrice* de *guipure* preta.

**QUARTO TOILETTE.** Vestido de tafetá ou setim preto, com tres folhos de renda *guipure* ornada de vidrilho. Corpo afogado, aberto e espartilhado, guarnecido da mesma renda. Chapéo imperial de renda *guipure* preta com flores de vidrilho. Mantelete-manta de tafetá ou setim, como o vestido, enfeitado da mesma renda. Este *toilette* é para meio luto.

Bem, tenho já vos indicado quatro lindos *toilettes*; passarei agora á descripção da nossa gravura. Antes porém de o fazer devo dar-vos uma outra explicação.

Sete são os figurinos que a estampa vos apresenta, e todos elles de summa elegancia e de mui delicado gosto, para serem escolhidos indistinctamente pela mais caprichosa rigorista. Nestes figurinos tem o mundo elegante o resumo do que de mais escolhido — em chapéos e manteletes —

apresenta a moda actualmente; mas estes figurinos são para o verão de Pariz, e nós estamos cá no inverno... parece uma contradicção! Pois não é. Perguntarei eu: que figurinos preferis que eu vos apresente, novos ou velhos? Se escolherdes os novos, ainda por milagre de Santo Antonio não podereis ter em Julho no Rio de Janeiro figurinos de inverno. Se preferirdes os velhos, tereis com effeito figurinos de inverno, porém do inverno de Pariz, que são figurinos de baile quasi todos.

Em tal caso, querida leitora, é melhor, muito melhor, receber figurinos modernos todos os mezes, onde vemos as modas que vão apparecendo, as novidades e os enfeites de bom tom, do que deixar-vos enganar com figurinos que são proprios para a nossa estação, mas que foram publicados em Pariz ha seis mezes, pelo menos.

E esta a razão por que vos offereço a presente estampa.

## DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

### CHAPÉOS E MANTELETES.

N.º 1. — Mantelete-chale *Navailles*, de tafetá ornado de renda larga franjada e fita de setim listada de veludo, afogado atrás, aberto adiante, para formar o chale. Chapéo denominado *Capote-Medicis* composto de seda, blonde e fitas.

N.º 2. — Mantilha hespanhola *Blossac* de tafetá preto, toda guarnecida de franja larga e *guipure* — Chapéo, para visita de cerimonia, chamado — *Chapeau sylvide* —, feito de blonde, enfeitado com uma espiga de gaze assetinada e uma pluma; a aba muito aberta e ornada por dentro com duas meias corôas de rosas.

N.º 3. — Mantelete decotado de tafetá, denominado *Mantelet Impératrice* pela riqueza de sua guarnição. Esta guarnição consiste em uma ordem de renda mui larga unida á outra ordem de renda mais estreita orlando o baixo do mantelete, mais outra ordem de renda na golla, e um cufeite completo de fita encrespada e laços. *Capote Coquette*, de filó, fita e plumas.

N.º 4. — Mantelete-chale *Fornarina*, de tafetá branco, bordado de seda, e guarnecido de uma rica franja. *Capote Crangelins*, feito todo de folhos de filó e folhos de tafetá, e enfeitado de flores.

N.º 5. — Pellica, ou capote, de veludo, *Novada*, talho quadrado no decote, enfeitado de renda e fita de encrespar orlada de ouro. Esta fita chama-se — *Fita California*. Chapéo Imperial, feito todo de folhos de filó atravessados e blonde, enfeitados de fita lavrada de ouro.

N.º 6. — Manta *Printemps*, decotada, feita de tafetá todo coberto de gálio, formando quadradinhos presos uns aos outros por laçinhos de fita assetinada, e guarnecida toda de renda *guipure* — Chapéo *Dubarry*, composto de renda *guipure*, crina e flores.

N.º 7. — Pellica ou capote *Marquise*, de tafetá enfeitado de fita de encrespar, renda e laços. Esta pellica tem por baixo do cabeção um corpi-

nho meio espartilhado, o qual é afogado atraz e aberto adiante—Chapéu *Eugenie*, composto de blonde e seda, e enfeitado do mesmo, com tufos de flôres aos lados.

Cattete, 8 de Julho.

*Christina.*

ROMANCE.

A DAMA DAS CAMELIAS.

(Continuado do n. 27.)

IV.

Os bens de Margarida, que foram arrematados no leilão á que já me referi, produzirão quasi cento e cincoenta mil francos, dos quaes duas terças partes couberão aos credores, e o resto á sua familia, que se compunha de uma irmã e de um sobrinho. Ora, estando essa irmã fóra de Pariz, enviáráo-lhe, com o retrato de Margarida, unico bem de que ella póde dispor, cincoenta mil francos; e como nenhum dos seus sabia se Margarida era viva ou morta desde que sem motivo plausivel fugira da sua companhia, o pasmo da nossa *roceira* subiu de ponto quando recebeu a melgueira, que não era de desprezar-se.

O nome de Margarida ia cahindo em total esquecimento meu, quando um novo incidente veio despertar-me desse lethargo, e obrigar-me a escrever esta historia, que, em verdade, não é despida de interesse.

N'uma manhã de inverno estava eu embrulhado no meu capote, quando o meu criado me trouxe um bilhete de visitas do Sr. Armando Duval: lembrei-me que já tinha visto algures esse nome, mas não podia atinar onde; e se por acaso não lançasse os olhos para uma mesa em que estava a obra que havia arrematado no leilão de Margarida, ficaria em jejum. Mandeí dar entrada ao Sr. Duval, que tão extemporaneamente me apparecia, e d'ahi a pouco appareceu-me um mancebo alto, moreno e pallido, e com roupas de viagem: logo que me viu, dirigiu-se a mim, e, com os olhos em lagrimas e a voz tremula, me disse:

— Peço-vos mil desculpas por me apresentar á esta hora, e com estes trajos, em vossa casa, senhor; mas como, nós mancebos, não somos muito cerimoniaes, e porque tambem o negocio que me traz á vossa presença não admite demora, rompi por este excesso.

Pedi-lhe que se sentasse junto do fogo, o que fez, puxando um lenço da algibeira e levando-o aos olhos.

— Viestês pelo que vejo de fóra, e como entre rapazes não ha muitas cerimoniaes, convidado-vos, em primeiro lugar e desde já, para almoçardes commigo.

— Agradeço infinitamente o favor, retorquiu elle enxugando os olhos e suffocando um suspiro; mas, no estado em que estou, não posso nem ver a comida.

— Então, visto isso, dai-me vossas ordens.

— Assististes, senhor, ao leilão de Margarida Gautier, não é verdade?

E dizendo isto o Sr. Duval empallideceu, mas continuou assim:

— Julgar-me-heis por certo um *cabeça de vento*, mas desculpai-me, e acreditai que nunca hei de esquecer a bondade com que me tendes ouvido.

— Não vos supponho um *cabeça de vento*, não; e estimarei muito poder acalmar a dôr que vos opprime satisfazendo aos vossos desejos.

A dôr do Sr. Duval era por assim dizer *sympathica*, pelo que aneçava por lhe ser util.

— Arrematastes nesse leilão, continuou elle, algum dos objectos que se puzerão em praça?

— Sim, senhor, respondi, arrematei um livro.

— Que se intitula *Manon Lesvaux*?

— É verdade.

— E possuís ainda esse livro?

— Ainda, sim, senhor.

A' estas palavras, Duval tomou folego; e levantando-me fui buscar o livro, que lhe apresentei.

— E elle mesmo, disse Armando abrindo a primeira pagina. — Pobre Margarida! accrescentou com a voz entrecortada, e com os olhos arrasados d'agua. E erguendo a cabeça para que lhe eu visse as lagrimas, continuou. « E avaliais em muito a posse deste livro? »

— Porque, senhor, n'ò perguntais, respondi.

— Porque queria que n'ò cedesseis.

— Perdoai a minha curiosidade; fostes vós que destes este livro a Margarida?

— Fui, sim... senhor.

— Então consenti que eu vol-o offereça,

— Não posso privar-vos delle sem que vos restitua a importância por que o arrematastes.

— Mesmo quando quizesse recebê-la, confesso-vos que não me lembro quanto dei por elle.

— Destes cem francos, senhor.

— Como o sabeis?

— Ouvi-me. Eu tinha resolvido chegar a Pariz no dia do leilão dos bens de Margarida, mas por transtornos que sobrevierão na viagem só hoje cheguei aqui. Dirigi-me então ao encarregado da venda desses objectos, e pedi-lhe que me mostrasse a relação das pessoas que tinham arrematado cousas no leilão á que me refiro, e vi que haviéis ficado com esse livro pelo preço exagerado de cem francos. Tencionei vir ter convosco para pedir-vos que n'ò cedesseis, comquanto receasse que o não fizesseis por me parecer que tinheis em alta conta a sua posse.

Enxerguei nestas palavras de Duval certo *amargor*, e para aquietal-o respondi:

— Nunca eu pisei em casa de Margarida, meu nobre senhor, e se arrematei a obra em questão

foi porque, querendo certo *casmurro* levar-me de venciã no leitão á que nos referimos, quiz mostrar-me que sou pertinaz nos meus desejos. Este livro é vosso, repito, e quero que o aceiteis como uma prova da amizade que desde já vos tributo, e que espero estreitemos mais de futuro.

— Aceito, senhor, ó favor, disse Armando estendendo-me a mão... e espero não desmerecer do conceito que de mim fazeis.

Este dialogo despertou a minha curiosidade, mas receando ir sangrar feridas mal cicatrizadas calei-me. Duval, porém, de seu mótu proprio, perguntou-me:

— Lestés esta obra, senhor?

— De fio a pavio.

— E que faes vos parecem as notas que nella encontrastes?

— A maior parte dellas estão apagadas, mas pela dedicatória tenho por certo que essa mulher era dotada de excellentes qualidades, sem o que não estamparíeis o vosso nome por extenso na primeira pagina deste livro.

— Ajuizastes perfeitamente, senhor, porque essa mulher era um anjo. E para que a julgueis por factos, lêde esta carta. E puxando da algibeira um papel muito amarrotado e sujo, entregou-m'o.

Abri-o, e li o que se segue:

« Meu Armando.

« Estou de posse da vossa carta, e mil graças dou a Deus por vos conservar de perfeita saúde. Eu, ao fazer desta, estou entre a vida e a morte, porque o meu mal é incuravel; mas creio que o interesse que vos mereço ha de abrandar os meus padecimentos; esperando ter a dita de poder beijar a mão que traçou tão doces expressões.... Mas não, essa esperança é um sonho vão, porque além de me achar no mais doloroso estado, distais de mim milhares de leguas. Se podesseis ver o estado em que está a vossa Margarida, condoer-vos-híeis della! Perguntais-me se vos perdoo. — Porque não, se o mal que me fizestes nasceu do amor que me consagraveis? Ha perto de um mez que não me levanto da cama; mas a estima que vos consagro é tal que, apesar de me achar neste estado, escrevo a minha vida desde o fatal momento em que nos separámos.

« E para que vos convençais do que levo dito, peço-vos que, logo que chegéis a Pariz, procureis Julia Duprat, para receberes della esse *jornal*.

« O termo dos meus males não está longe, e portanto acreditai-me que fostes o unico homem que amei sinceramente.

« Não posso enviar-vos a mais pequena lembrança, porque os meus bens foram penhorados, e não tenho cousa alguma de meu no mundo!

« Os homens, meu amigo, são, em verdade, muito mãos... mas não... os meus crimes devião ser punidos, é Deus me punir!

« Poucas saudades levo desta vida, mas quizera que Deus m'a conservasse até que vos visse....

« Adeus, meu amigo... as forças me fallecem,

porque esses que me affirmão que me hão de salvar m'as tem esgotado com copiosas saugrias.....

« Margarida Gautier. »

O ultimo periodo desta carta era com effeito inintelligivel; e depois de fechal-a entreguei-a a Duval, que me disse:

— Parece-vos incrível, não, meu amigo? que fosse uma mulher.... como Margarida quem traçasse esta carta?

E dizendo isto levou o papel aos labios.

— Não, o mundo julga muitas vezes erradamente, respondi.

— É verdade..... Essa mulher, cuja morte pranteio, e hei de prantear sempre, não foi julgada como merecia..... é entretanto ella fez por mim mais do que faria minha propria irmãa.... E quando, meu amigo, me lembro de que nunca mais hei de vel-a, sangra-se-me o coração.... E sabeis que mais? Foi por mim que ella morreu:

E dando ensanchas á sua dôr, Duval chorou, e chorou muito.

Os meus leitores hão de concordar commigo que é muito difficil, se não impossivel, consolar a quem pranteia a morte daquella ou daquelle que amou estremecidamente; e não sabendo o que dissesse a Duval soltei á esmo estas palavras:

— Não ten'les parentes e amigos? Porque não os procurais para que vos elles consolem?

— Ah! retorquiu Duval; a minha dôr vos incommoda, não é assim?

— Interpretastes mal as minhas palavras, senhor. Se eu e os meus amigos podermos contribuir para que se ella mitigue, contai conosco, porque avalio o quanto padecéis.

— Perdoai, disse Duval, se no auge da minha dôr inverti vossas palavras. A offerta que me fizestes deste livro prova exuberantemente que soubestes avaliar os meus soffrimentos. E prometto, senhor, historiar-vos a vida dessa mulher que morreu por minha causa.

D'alí a pouco, esse manco, cuja sorte eu lastimei profundamente, sahii de minha casa debullhado em lagrimas.

## V.

Tendo decorrido alguns dias, sem que novas nem mandados-tivesse de Duval, resolvi-me a procural-o; mas, não sabendo a sua morada, dirigime á rua d'Antin, certo de encontrar alguem que m'a soubesse ensinar: infelizmente porém fiquei na mesma. E, assim, indaguei onde se havia sepultado o corpo de Margarida, e soube que no cemiterio do *Père Lachaise*.

Estavamos em Abril; e como o tempo estivesse seguro, e as sepulturas despidas desse aspecto lugubre que lhes imprime o inverno, tomei direcção do cemiterio, discorrendo assim com os meus botões: « Se Duval não se esqueceu ainda della, hei de por força saber ali do seu destino. »

Procurei o administrador do cemiterio, e perguntei-lhe, se no dia 22 de Fevereiro se tinh



Travaillés

Blossac

Impératrice

Foraxaria

Wooda

Printemps

Marquise

LE MONITEUR DE LA MODE.

Rue Richelieu, 92 à Paris.

Stoffes et Confections nouvelles pour l'été de 1855.

Propriété exclusive de la M<sup>me</sup> GAGELIN 33, rue Richelieu, grande médaille d'Or à l'Exposition de Londres unique à la France.

Chapeaux dont les modèles sont la propriété exclusive de la Maison PLE-HORAIN, 31, rue de la Harpe.



enterrado ali uma mulher chamada Margarida Gautier.

Folheou um livro, e respondeu-me pela affirmativa, e então pedi-lhe que mandasse algum guarda acompanhar-me á sepultura dessa mulher e servir-me de guia, porque receiava perder-me nessa *cidade de mortos*, que tem tantas ruas e beccos, como *as dos vivos*. O bom do homem prestou-se ao meu pedido, e chamando um guarda mandou que fosse commigo. O guarda, que me pareceu ser *tagarella* de mais, depois de ouvir quanto lhe disse o administrador, voltou-se para mim, e fallou assim:

— E' muito facil atinar-se com essa sepultura.

— Porque? lhe perguntei.

— Porque é a mais bem tratada de todas... tem flôres de quanta especie ha.

— E quem é que cuida dessas flôres?

— Eu, por ordem e recommendações especiaes de um moço, que, pelo que parece, *bebeu os ares* por essa mulher.

Encaminhamo-nos para o logar da sepultura, e depois de algumas vira-voltas parámos.

— Aqui está a sepultura, que vindes visitar, disse o tal melcatrele, apontando para uma especie de quadrado em que realmente estavam plantadas muitas flôres raras, e principalmente muitas camelias.

Um gradil cercava o quadrado, e no centro via-se uma lousa de marmore em que estava aberto o nome da defunta.

— Então que me dizeis a isto? disse o guia.

— Está realmente bonito, respondi.

— Logo que um pé de flôr murcha, tenho ordem de plantar outro.

— Quem vos incumbiu disso?

— Esse mancebo, de que já fallei, e que quando veio aqui, a primeira e unica vez, quasi que cá ficou. Chorou, meu caro senhor, que creio não lhe ficou dentro nem uma só lagrima. A moça era, dizem, *fazenda papa-fua*. Conhecestel-a, tambem?

Sim, respondi.

— Ah! fostes tambem da sua roda, disse elle malignamente....

— Não: até nunca fallei com ella.

— Então o que fazeis ainda é mais louvavel, porque outros que lhe havião de ter comido bom dinheiro, ainda não pozerão os pés aqui.

— Mas dissestes-me que esse mancebo só veio aqui uma vez... É verdade?

— Sim, senhor.... mas ha de voltar.

— Então onde anda elle?

— Anda viajando.

— Viajando?!

— Sim; foi ver a irmã da defunta.

— Para que?

— Para alcançar licença della, afim de mudar a amante de cova.

— Para que mudal-a?

— Porque... sim... porque tendo sido arrendado este terreno, só por cinco annos, findo este praso, se hão de desenterrar os ossos de todas as pessoas que se sepultarão aqui... e elle não quer que os della andem em *bolaius*. Vai comprar uma sepultura no *quarteirão novo* para essa senhora.

— Que quer dizer o quarteirão novo?

— São as terras que ora se vendem á esquerda da estatua de Casemir Perrier.

Farto de ouvir o meu *oicerone* sobre esta materia, perguntei-lhe se sabia onde morava o Sr. Armando Duval.

— Sei, sim senhor, respondeu elle; mora na rua de..., onde vou quasi sempre buscar a importancia das flôres que comprô, e receber certa esportula que me dá pelo meu trabalho.

Agradei ao meu obsequioso guia o seu favor, e depois de lançar um ultimo olhar para aquelle marmore que encobria uma das mais lindas mulheres que eu tenho conhecido, retirei-me com o coração enlutado. Chegámos a porta do cemiterio, onde untei as unhas do meu *talalhão*, e fui correndo á casa de Duval, certo de encontral-o; mas ainda não tinha chegado. Deixei recado que me fosse chamar logo que chegasse.

No dia seguinte recebi uma cartinha de Armando, em que me participava que chegára na noite do dia em que o procurei; mas que estando incommodado não me podia ir ver, e me pedia que o procurasse.

Vesti-me á pressa, e n'um pulo cheguei á sua casa.

(Continua.)



## POESIA.

### A' UM PASSARINHO.

Passarinho, que descantas  
A' noite tão tristemente,  
Porque a manhã não esperas  
Em que estejas mais contente?!  
Passarinho, oh! quem te ensina  
A cantar tão docemente?!

Que dizes tu nesses cantos?!  
Que dizes quando aqui chego?  
Queres que eu te adore e diga  
Que és um rei neste socego?!  
Ou tentas fallar saudade  
D'um amor funesto e cego?!

Saudade já me ensinarão  
Altas serras magestosas!  
Soletrei-a em cada folha  
Dessas florinhas viçosas,  
Nas puras aguas da fonte  
Gemendo por entre as rosas!

Talvez lições queiras dar-me,  
 Lições de meiga doçura!  
 Talvez penses — vaidoso —  
 Não ter rival em ternura!...  
 Eu também já tive amores;  
 Já sorri d'alma ventura!!

Não venhas tu, avesinha,  
 Ternas meiguices fallar-me!  
 Não tentes dentro no peito  
 Negra saudade entornar-me!...  
 Perdes teus cantos, se queres  
 O que eu já sei ensinar-me!!

D'onde has vindo, que recordas  
 Pobre cantor peregrino?!  
 Não te adivinhão os homens  
 Esse teu saudoso hymno!!  
 Mas és no Céu entendido  
 Pelo Eterno Ser Divino.



## A LOUCA.

(ESBOÇO DE UM ROMANCE.)

A' alguns passos de um desses edificios, que a antiguidade erigiu ao culto da religião, e que hoje servem de asylo á ociosidade e profanação, para não dizermos ao sacrilegio, erguia-se de sobre o solo desigual e arenoso, humilde e pobre casinha, que perfeitamente contrastava com as torres elevadas do visinho claustro: era o baixel arruinado pelo furor das ondas, que se collocára á sombra de soberbia não, sobranceira á impetuosidade dos ventos; e resguardada por fortes amarras em porto abrigado.

Não ha certeza de quem fundára a parca habitação: dizem uns que fôra ella edificada muito antes de lançar-se a primeira pedra ao templo, então de Deos; confirmão outros que venerando ancião, trabalhando dia por dia, conseguira levantar-a como um tributo de saudade consagrado á sua filha, que se recolhera ao seio da religião, faltando-lhe os cuidados e carinhos maternos, e buscando na casa do Senhor uma guarida contra os combates que soffria a pobreza nos detestaveis tempos colonias. Seja porém qual fôr a sua origem, acoberta ella em 1800 uma infeliz familia, que vive de guerra aberta com a sanha da adversidade, incansavel em infligir-lhe golpes violentos e continuos: já não é a pobreza o seu unico mal; por toda a parte notão-se os sulcos que após de si deixa a miseria; e a fome, a sede e a insomnia, ali respirão, e fazem respirar o seu halito pestifero e suffocador.

Se a miseria se contentasse unicamente com os flagellos que atormentão o corpo, supportavel seria o seu damno para alguns entes fortes e inexpugnaveis; mas não: o espirito recbe os choques repetidos, que o corpo repelle, e ás

affecções physicas succedem-se as moraes com detrimento da robustez e valor do ser affectado. O mundo não se revolta contra a miseria, teme-a; porém detesta o miseravel, trata-o com desprezo, quando não o persegue: d'ahi nascem odiosidades inextinguiveis; gerão-se prejuizos absurdos; alimenta-se o vicio por falta de *virtude*. É preciso que a organização do individuo, que soffre os martyrios da miseria, possua elementos sobrenaturaes para affrontar o ridiculo e a maldade que em si encerra a sociedade: os homens, que tanto receião o soffrimento, são insaciaveis em prodigalisar-o, e quando não encontram motivos com que o fundamentalmente, creião-se em invental-os.

Foi em um desses motivos de fantasia que a pobre familia, de que nos occupamos, tornou-se proscripta: houve quem lhe desse propriedades fantasticas, diabolicas e difficeis de acreditar-se; porém, se ainda hoje admittem-se entre nós absurdos não menores, como deixaria naquella época de existir o prejuizo de que ha espiritos que pactuão com a humanidade reprovada?!... O povo, semelhante ás vagas brandamente movidas por ligeira brisa, e que, á medida que esta augmenta, enerespão-se, rugem e bramão, começa a sua suspeita sussurraudo, e a termina ordinariamente uivando e designando na sua colera uma victima que a confirme. Se algumas vezes as grandes fortunas vêm-se abaladas por estas revoluções do pensamento brutal, que forma a idéa fixa da populaça, quasi sempre a pobreza é pulverisada; a estupidez não pôde conciliar que haja honestidade e virtude onde impera a necessidade com as suas leis de ferro: o vicio é, no entender do estúpido, o emblema do pobre!

Sem quereremos prevenir a leitora sobre a honradez que caracteriza os moradores do alvergue, que tão por alto descrevermos, não nos podemos ferrar ao desejo de os elevar acima da sublimidade outorgada á virtude. — Mais de uma vez temol-a visto transigir com o vicio, e nem por isso imprime-se-lhe na fronte o ferrete da ignominia; porque o instincto natural da conservação, o brado da alma que não quer separar-se do corpo, têm mais força do que a voz da consciencia, que succumbe ante os horrores da fome e da nudez. Além disso, homens ha que occupão-se em perscrutar onde a pobreza começa a causar estragos; acompanhão passo a passo as victimas, e logo que as deparão no estado de revolta contra a existencia, ou de cedarem aos caprichos da necessidade, empregão então todos os meios de seducção, estendem ás suas vistas os prazeres da abastancia, e não retrocedem enquanto não as deixão inflamadas e trilhando a vereda da desgraça. — Algumas mulheres sobretudo deixão-se prender em semelhantes redes com a facilidade que lhes é notoria em todas as funcções de sua vida; assim como essas mulheres amão e odeião sem reflexão; assim como têm uma lagrima e um sorriso para todas as occasiões; assim como o seu pensamento é variavel e voluvel como seu coração, assim também rapidamente enlevão-se com as palavras do seductor, perdem a razão diante do luxo que o adorna, arrastão-se sob seus pés até que a virtude, balda de resistencia

e de força, offusca-se nas galas do ouro, e asphyxia-se no fumo da orgia.

Esses quadros, que por diferentes maneiras são apresentados á sociedade, soffrem maior ou menor censura conforme a classe a que pertence o inflamador: quanto mais alta fór a sua gerarchia, tanto mais aviltada se torna a victima; porque esses senhores *entendem* que uma conquista de qualquer genero não tem merecimento senão quando cãusa escandalo; e por essa razão tratão de ostentá-la, muitas vezes sem ajuda estarem de posse della! Quantas familias soffrem a mordacidade e maledicencia do mundo pelo simples facto de aceitarem os mesquinhos serviços que officiosamente lhes offerece um desses estultos, que não têm outro argumento para se darem maior realce senão o da linguagem metallica, que atirão á esmo? Miseraveis fanfarrões que, desconhecendo a delicadeza, ainda bem não mostrão o seu prestimo, e já lhe dão um preço!... E este preço, por elles tido em diminuta conta, é ordinariamente a honra de uma donzella, a reputação de um chefe de familia, a unica base que poderia consolidar o edificio social!...

Ahi tendes a gloria do seculo corrompido que alcançarão — de luzes — por não dizerem de — chammas — ! ahi vedes o apanagio dessas cabeças bronceas que entregão á discrição do ouro e de suas infamias o grão aristocratico que se inculcão, e que lhes nega o espirito sensato do homem honesto!... Mais tarde elucidaremos estas asserções, e por não caber aqui, simples bosquejo de uma historia de todos os dias, o seu desenvolvimento, permita-se-nos que demos ao prelo algumas das personagens que fazem parte do drama que nos propuzemos escrever.

Já dissemos que erão extremamente pobres os habitantes da visinhança do claustro, e bem assim que era proverbial a sua virtude; agora accrescentaremos que de redor delles esvoaça a morte, ameaçando roubar-lhes a parte mais preciosa do seu ser. Não se distingue uma não amiga que os ampare: o prejuizo popular, alimentado por um desses abutres de *azas de ouro e bico de arsenico*, de que fallámos, tinha affastado todo o contacto com os *endemoniados*, e afugentava os socorros de que então precisavão.

Ruy da Silva, velho infirme e adoentado, fóra em outros tempos major de um dos corpos vindos de Portugal para fazerem a guarnição de nossas cidades. Perseguido pelo fanatismo politico que então dominava, levarão-o ao extremo de pedir reforma, e comquanto já tivesse passado pelos arduos trabalhos de vinte e cinco annos de bons serviços, reduzirão-o a tão mesquinho soldo, que apenas lhe servia para a sua parca subsistencia. Esporeado pelo barbarismo absoluto do governo, recebeu ordem para retirar-se do Brasil, sob pretexto de sedição: não queria o governador que o povo, imbuidó em idéas de felicidade, tivesse quem bramasse contra as injustiças por elle praticadas, e como a mordaca, que na nossa *idade de ouro* se applicava aos descontentes, consistia apenas em um *degredo para os dominios de Anjola*, foi-lhe esta infligida *com todo o rigor e arbitrariedade da lei*, que só exprimia *vontade e*

*querer*. Bem quizera Ruy subtrahir-se ao jugo de ferro de semelhante lei; porém, para arrostar os incomodos e privações a que o obrigavão, era de mister que fosse elle o unico soffredor; era necessario que não tivesse a seu lado uma mulher na flor da idade, e uma filha que ainda sorria ao pranto de sua mãe!... Apenas communicou-se-lhe a ordem cruel de partir sem mais delonga, correu o valente militar a prostrar-se aos pés do cobarde exterminador; expoz-lhe a impossibilidade de executar os seus mandados, demõstrou-lhe até á evidencia que não merecia ser tratado com tanta barbaridade, e por ultimo buscou abrandar a colera do seu infame juiz pedindo-lhe que o tivesse encarcerado até ao momento em que sua pequena familia o pudesse acompanhar.

« Tenho ordenado, disse-lhe o implacavel governador; ha de seguir ao seu destino, ainda que seja preciso empregar-se a violencia!

— A violencia, senhor?!... E que mal tenho eu feito para se me castigar com tanta severidade? Por ventura não sou violentado quando se me obriga a abandonar a patria que adoptei?

— Não admitto reflexões, Sr. major: e aconselho-o que não murmure de meus actos na intenção de ver revogadas as ordens que lhe cumpre obedecer. Se sua mulher não o póde acompanhar, ella lá irá ter... por emquanto guardo-a sob minha protecção....

— Infame! pensou o desgraçado; já conheço os teus planos!...

— A sua posição, proseguiu o governador, tornou-se falsa e precaria em razão dos máos conselhos com que entremem a população ociosa; tem-se-lhe notado todas as presumpções de uma conspiração, e o militar que assim pratica deve soffrer outra pena que não a de *degredo*....

— E oude estão as provas, senhor?

— ..... Assim, contente-se com a minha boa vontade; e, se quer que lhe falle com mais clareza, dir-lhe-hei que considerações alheias á sua pessoa são a causa unica da minha clemencia. Todo aquelle que conspira deve expurgar o seu delicto de sobre um patibulo, e pouco tarda que a voz publica não o condemne, despreciando a medida benigna que determinei em seu favor....

— Bem, senhor.... eu parto.... porém, antes de o fazer, supplico-lhe que rastos que acoberte com a sua egide a desgraçada familia do militar proscripto!...

E recolhendo-se á sua morada, suffocado pelo pranto, ardendo em raiva, e criminando o tempo pelos estragos causados em seu corpo alquebrado, disse á sua consorte:

— Hortensia! A infamia em que vive chafurdado esse miseravel que zomba do nosso destino, o grão de aviltamento a que tem sido levado o seu plano infernal de roubar-nos a honra e o pudor, forção-me a abandonar-te, obrigão-me a immediatamente deixar sem amparo a nossa pequena Elvira!... O monstro, não contente com a ruina que proporcionou-me, soffregó no desejo de arrastar-me ao ultimo extremo do desespero, ordenou-me precipitado exterminio, e conta com a minha ausencia....

— Com a tua ausencia.... e para que fim?



— Para ferir-me n'alma, para encaminhar-te á desbroura, para fazer-te deslemburada dos deveres que contrahiste!...

— E o julgas capaz de tanto? acréditas que haja força humana superior á da mulher que diuza no cumprimento de suas juras um mandado de Deps, um guia seguro para ser feliz?

— E a fome, Hortensia?!

— É horrivel.... porém vencível!

— E a sede, minha amiga?!

— É um tormento..... porém mitiga-se com o pranto!

— E a nudez, desgraçada?!

— É uma vergonha.... porém supprime-se com a virtude!

— E tua filha, mulher?!!!

— Ah! pobre Elvira!...

— Ah! tens o lado accessivel pelo qual serás agredida.... e quem sabe se venciada!....

— Não, disse a infeliz mãe tomando em seus braços a innocente criancinha; e, beijando-a com aquelle ardor o anxiedade que só a mulher em tal estado pode exprimir, bradou com desespero: Não... ella morrerá conmigo!....

E para logo comprimindo-a sobre o peito, e sorrinda sem nenhuma apparencia de sensibilidade, como o idiota que é instigado a fallar, torceu por modo tal o fragil corpinho de sua filha, que com as mãos affagava-lhe o rosto abrazado, que a misera soltou um vagido abafado e surdo!

« Morta! morta a minha linda Elvira!... E foi Hortensia, e foi sua mãe que a estrangulou?!... Só a loucura lhe poderia armar os braços infantecidas! só a loucura, meu Deos, teria poder bastante para fazel-a arrancar a vida á aquella por quem soffrêra todos os martyrios e agonias da maternidade!.... »

C. do R.



### Anecdota.

Um Gallego indo á Lisboa para servir, accommodou-se em uma casa, entrando no ajuste que fez, que o amo se obrigava a vestir-o. Na manhã seguinte, era já muito tarde, e o Gallego nada de apparecer; o amo tendo perdido a paciencia, foi procural-o, e achando-o ainda em cima da cama, o reprehendeu de ser tão preguiçoso. « Ha tres horas, lhe respondeu elle, que eu estou cá á espera do senhor meu amo que me viesse vestir, porque esse foi o nosso ajuste, sim senhor. »

### Pensamentos.

A virtude é aquella força moral que nos faz vencer as nossas paixões, e mesmo as nossas affeições as mais naturaes, quando a honra e o dever o exigem.

A virtude, diz um sabio, não pertence senão a um ente fraco por sua natureza, e forte por sua vontade: é nisso que consiste o acrescimento do homem virtuoso.

A fruição da virtude é toda interior, e a primeira recompensa da pessoa virtuosa é a satisfação de haver feito o seu dever.

Não percamos jamais as esperanças da felicidade. As fontes do bem e do mal são occultas, e não sabemos nós qual dellas deverá abrir-se para encher nossa vida futura.

### CHARADAS.

Planta	1
Musica	1
No nariz	1

Entr'outras no grande campo  
Onde está o Provisorio  
Figurei; hoje esquecido  
Fiquei n'um canto immortorio.

Parcida com um ovo	1
De um — ovo — a parte eu sou	1
Sem ser quebrado não sirvo,	
Inteiro ninguem chuchou.	

Sou agua	1
Sou templo	1
Nome de mulher	2
Sim, nome de mulher.	

Tendo finalizado o primeiro semestre de Janeiro a Junho, ainda persistimos no proposito de não suspender a entrega do JORNAL DAS SENHORAS a nenhuma das nossas Assignantes. As Senhoras, que não quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura, rogamos que tenham a bondade de mandar sua participação á casa unicamente dos Srs. Wallerstein & C., rua do Ouvidor n. 70, afim de que nos primeiros dias do mez de Julho possamos então mandar suspender a entrega.

Acompanha este n. 23 uma estampa de chapéus e manteletes.

Typ. DO JORNAL das Senhoras, RUA DA ALFANDEGA N. 54.